

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1978

o Autor); a existência de alguns outros bons exemplares de formas decoradas com relevos aplicados (n.ºs 24, 25, 60 e 61) ainda mais tardios e importantes para a definição das produções tardo-italica e locais (as quatro peças são marcadas); a presença de um *skyphos* (n.º 29) muito grosseiro com decoração de barbotina cujo fabrico se atribui ao período 60-90 d.C. ou possivelmente ainda depois.

Uma taça (n.º 69) com perfil próximo da forma Drag. 35 mas cujo bordo é plano e soerguido, constitui uma das peças mais curiosas desta categoria. O Autor compara o seu fabrico com o n.º 25 e atribui-lhe a mesma datação (c. 60-80 d. G.) mas a uma origem itálica prefere, ainda que interrodamente, a Gália do Sul; aproxima-a dos tipos Ritterling 14 e Camulodunum forma S 20. Pela nossa parte, julgamos útil pôr em evidência a sua estreita relação com taças de vidro da mesma forma, em voga na segunda metade do séc. I d.C. e que contam a Itália entre os seus possíveis centros de fabrico (Vid. *Fouilles de Conimbriga*, VI, p. 170).

Importante para quem se dedique ao estudo da difusão da *sigillata* gálica é a observação de que nove das peças apresentadas e anteriormente publicadas por H. Comfort (*Nine Terra Sigillata Bowls from Egypt*, «AJA», 41 (1937), p. 406-410) não provêm efectivamente do Alto e do Baixo Egipto, como então se supunha.

Menos directamente úteis para o arqueólogo português são os fabricos palestinianos e os egípcios que contam alguns exemplares excelentes. Pelo contrário, interessar-lhe-ão as pequenas colecções de *sigillata* clara e paredes finas, bem como algumas peças avulsas de cerâmica comum, nomeadamente um vaso com mascarão (n.º 151) e um cantil (n.º 153), que embora ilustrando tipos conhecidos, são óptimos exemplares para comparação. Em nosso entender, algumas das datas apontadas deverão ser utilizadas com mais reservas do que as que o Autor deixa supor.

ADILIA ALARCÃO

Ranuccio Bianchi BANDINELLI, *Introduzione all'Archeologia classica come storia dell'Arte antica*, Bari, Universale Laterza, 1976, XXVII + 150 p., 16 ilustrações.

É sempre agradável constatar a publicação, numa colecção de livros de bolso, de matérias que, em geral, só são acessíveis em volumes caros.

Com a excepção do Prefácio, que tem por título «L'archeologia come scienza storica», trata-se aqui da edição póstuma do texto que circulava sob a forma de «dispense universitarie» (sebentas) e que apresenta resumidamente as ideias do autor disseminadas aqui e acolá na sua vasta obra. No primeiro capítulo anuncia-se o duplo objectivo que se tem em vista: «uno é quello di tracciare brevemente la storia di un aspetto particolare di questa disci-

Conimbriga, 17 (1978), 157-182

plina per arrivare a definire meglio i problemi scientifici che oggi ci stanno dinanzi. L'altro scopo, conseguente, del resto al primo, è di stabilire un rapporto positivo con Archeologia e la nostra cultura attuale». Estamos, portanto, perante a problemática da relevância da Arqueologia na Cultura Contemporânea, tema ao qual o autor já dedicou mais que um escrito. Mais adiante acrescenta-se ainda tratar-se da Arqueologia que se define como a «Arqueologia Clássica», relativa à antiga Grécia e Roma, aquela que, em alguns países, é denominada a Winckelmanniana. Ao fundador desta Arqueologia, Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), é dedicado o capítulo seguinte. Reconhecem-se os grandes méritos de Winckelmann: o lançamento de bases para a construção duma cronologia a partir do critério estilístico, a formulação da necessidade da compreensão da essência (Wesen) da obra da arte, mas apontam-se também os erros da sua construção parabólica da arte grega e da identificação dum determinado período da mesma com o absoluto da Arte.

O período que se segue a Winckelmann é o da Arqueologia Filológica (cap. III), assim chamado por causa do seu método, que se baseia na combinação das notícias sobre obras de arte famosas contidas nos autores antigos com as cópias romanas existentes nos vários museus, para deste modo se reconstruir a arte grega. Documenta-se o método com a identificação do Apoxyomenos de Lisipo e do Dorífero de Policeto.

Os dois capítulos seguintes (IV e V) são dedicados, respectivamente, às fontes literárias (Plínio, Pausânias, Luciano, Ateneu) e aos momentos mais significativos das descobertas arqueológicas e empreendimentos de escavação. Com o cap. VI (Ricerche teoriche e storicismo agli albori del Novecento) retoma-se o tema da investigação arqueológica através dos tempos. Duas escolas de estudos merecem especial menção. Por um lado, Loewy, Julius Lange e Della Seta que se distinguem com contributos no campo da arte grega. Nota-se neles uma orientação da arqueologia para problemas não de carácter meramente filológico, mas de interpretação do facto artístico. Por outro lado, dois membros da Escola de Viena, Alois Riegel e Franz Wickhoff dão os primeiros impulsos no estudo da Arte Romana.

Na parte final desta obra, Bianchi Bandinelli expõe as suas ideias sobre a metodologia arqueológica. «In ogni opera d'arte dell'antichità, riconosciuto il forte legame delle tradizioni artigiane delle singole officine o scuole, la ricerca da condurre, limitandosi al problema artistico-formale, è dúplice: da quali preesistenti schemi iconografici discende una data opera d'arte e in che cosa tali schemi vengono (o non vengono) innovati; da quali premesse ideologiche, programmatiche o non, ne viene determinato il contenuto. Per rispondere a questo secondo quesito occorre allargare la nostra conoscenza alle situazioni culturali in senso lato (correnti di pensiero filosofico o religioso; istituti giuridici; condizioni sociali ed economiche determinanti)». Trata-se aqui duma metodologia que coloca a historicidade da arte no centro das suas atenções e que não poderá ser ignorada por quem seriamente se dedica a este género de estudos.

O reparo que temos a fazer a esta *Introdução à Arqueologia* diz respeito às carências das indicações bibliográficas. Somos de opinião que uma obra de carácter propedêutico deveria facultar aos seus leitores uma bibliografia mais ampla. Além do mais, uma ou outra repetição no texto deve-se provavelmente ao facto de a obra ter nascido — como já acima afirmámos — de apontamentos para o uso dos estudantes de Arqueologia. Obra polémica, escrita numa linguagem clara, é uma recapitulação refrescante para quem já leu a *Storicità deWarte Classica*, a *Archeologia e Cultura* e os três volumes sobre a arte romana. Para aqueles que não conhecem Bianchi Bandinelli, diremos que é um livro bom e, como tal, vale a pena ser lido.

VASCO DE SOUSA

JOSÉ MONTEIRO, *Pequena história de um museu. Fundo e catálogo. Carta, arqueológica do concelho do Fundão*. Lisboa, União Gráfica, 1978. 1 vol., 20 cms, 158 p., h 1 mapa, il.

Criado por deliberação camarária de 8 de Outubro de 1942, o Museu do Fundão não tem registo de entradas, não tem catálogo de peças, não tem arquivo de correspondência. Sentimos essa falta quando, em 1975, nos propu-semos estudar a colecção epigráfica do museu. Suspeitando que tais elementos se achavam na posse do seu organizador, Dr. José Alves Monteiro, destituído das suas funções em Setembro de 1974, a ele nos dirigimos. Com sucessivos adiamentos, embora nunca com uma recusa formal de prestar as informações pedidas, o Dr. José Alves Monteiro fez-nos atrasar a publicação, que finalmente veio a sair no vol. XVI (1977) desta revista, distribuído no verão de 1978. Presumimos que já então o Dr. José Alves Monteiro, auxiliado por seu filho Bartolomeu Monteiro, preparava a edição da obra agora presente. Teria sido mais correcto ter-nos informado disso, pois aguardaríamos a publicação deste volume; e, dada a insuficiência do estudo epigráfico agora impresso, e os seus numerosos erros, teríamos republicado, com melhor ilustração e mais cuidada leitura, as lápides do museu, fazendo justiça a quem, devotada e gratuitamente, organizou o museu, a ele cedendo muitas peças que a título pessoal lhe foram oferecidas. Não foi a generosidade do Dr. José Alves Monteiro ao ponto de entregar ao museu o catálogo que possuía das peças.

O caso do Dr. José Alves Monteiro e do Museu do Fundão é exemplificativo de uma situação que se repete em vários pontos do país: uma Câmara que cria um museu mas não lhe presta a devida assistência financeira; um conservador que não distingue muito bem entre o próprio e o público, trabalhando gratuitamente em benefício do concelho, mas reservando elementos de informação cujo lugar adequado era o arquivo do museu.